



UMA VIAGEM LITERÁRIA POR PENAFIEL. E-BOOK

Coordenação

José Carlos Meneses/Adelaide Galhardo

junho 2024



UMA VIAGEM LITERÁRIA POR PENAFIEL. E-BOOK

Coordenação: *José Carlos Meneses/Adelaide Galhardo*

Licenciatura em Educação Básica

Cartazes e textos: Estudantes História II

1.º Ano | 2.º Semestre

junho 2024

Ficha técnica

Título: Uma Viagem Literária por Penafiel. E-book

Coordenação: José Carlos Meneses | Adelaide Galhardo

Cartazes e textos: 1.º Ano Licenciatura em Educação Básica

Edição: ISCE Douro

Design gráfico: José Carlos Meneses | Inês Faustino

Email: geral@iscedouro.pt

Telefone: 255 318 550

Data de edição: junho 2024

ISBN: 978-989-53326-7-0



Instituto Superior
de Ciências do Ensino



Biblioteca Municipal de Penafiel

Uma Viagem Literária por Penafiel

Abertura: 4 de março de 2024

Encerramento: 28 de março de 2024

Licenciatura em Educação Básica | 1.º Ano
2023-2024

História de Portugal II

Docente: José Carlos Meneses

Beatriz Ferraz
Ana Isabel
Beatriz Silva
Carla Ferreira
Catarina Moura

Eduarda Pereira
Inês Lento
Inês Cunha
Margarida Ferreira
Eduarda Pinto

Inês Fausão
Mariana Silva
Rita Sousa
Sara Alves
Tiago Seixas



Instituto Superior
de Ciências do Ensino



Biblioteca Municipal de Penafiel

Uma Viagem Literária por Penafiel

Abertura: 4 de março de 2024

Encerramento: 28 de março de 2024

Licenciatura em Educação Básica | 1.º Ano
2023-2024

História de Portugal II

Docente: José Carlos Meneses

Beatriz Ferraz
Ana Isabel
Beatriz Silva
Carla Ferreira
Catarina Moura

Eduarda Pereira
Inês Lento
Inês Cunha
Margarida Ferreira
Eduarda Pinto

Inês Fausão
Mariana Silva
Rita Sousa
Sara Alves
Tiago Seixas

3 março
PENAFIEL
cidade



254 anos
história . memória . vida

CONVITE

No âmbito das comemorações da elevação de Penafiel a cidade e do Aniversário da Biblioteca Municipal, o Presidente da Câmara Municipal de Penafiel, a Biblioteca Municipal e o ISCE Douro têm a honra de convidar V. Exa. para a inauguração da exposição **“Uma viagem literária por Penafiel”**, que terá lugar no dia **4 de março**, na Biblioteca Municipal, pelas **14h30**.

#SentirPenafiel
f i y t i

sentir  penafiel





Índice

- 08. Introdução
- 10. António de Almeida (1767-1839)
- 11. Camilo Castelo Branco (1825-1890)
- 12. Antero de Quental (1842-1891)
- 13. João de Deus (1830-1896)
- 14. Eça de Queirós (1845-1900)
- 15. António Nobre (1867-1900)
- 16. Joaquim de Araújo (1858-1917)
- 17. Leonardo Coimbra (1883-1936)
- 18. José Júlio (1883-1942)
- 19. Américo Monteiro de Aguiar | P. Américo (1887-1956)
- 20. Ferreira de Castro (1898-1974)
- 21. D. António Ferreira Gomes (1906-1989)
- 22. José Rodrigues dos Santos (1964...)
- 23. Alberto Santos (1967...)
- 24. Adélia Carvalho (1969...)
- 25. Conclusões
- 26. Referências

INTRODUÇÃO

O documento que se apresenta é a continuidade dos dois anos letivos anteriores: um cartaz, uma exposição na Biblioteca Municipal de Penafiel, um texto Eis os ingredientes para um e-book. **Compete-nos agradecer** a disponibilidade da Biblioteca Municipal, na pessoa da sua diretora, **Dr.ª Adelaide Galhardo**, que se encarrega de selecionar bibliografia atinente a cada autor/painel, que ilustra quem foi cada um deles e, no caso de interesse intelectual ou investigativo, o visitante poder aceder aos livros que lhe despertem maior curiosidade.

A nossa identidade não é una, é uma interseção de lendas, histórias, factos, todos eles chegados até nós de formas variadas, mas com uma premissa: uma enorme subjetividade, fruto de tempos, geografias e mentalidades em favor de correntes políticas e religiosas dominantes. Usar filtros não é fácil, mas é possível acrescentar hipóteses de trabalho que iluminam um passado glorioso, mas também cheio de barbaridades. O que se torna grave é ceder à tentação de transmitir para gerações sucessivas as “mesmas verdades”, quando a investigação já vai fornecendo elementos que compõem o puzzle do passado de um modo mais aproximado da realidade.

Uma viagem literária por Penafiel transformou-se num desafio onde a **História e a Literatura se cruzam**, como poderia ser com outras ciências, como a Biologia, Ecologia, onde seria possível registar mensagens apropriadas para os tempos correntes – as alterações climáticas.

Percorremos autores do **século XVIII à atualidade**: o pivô da TV José Rodrigues dos Santos; o antigo Presidente da Câmara de Penafiel e responsável da *Escritaria*, festival literário anual que traz a Penafiel, anualmente, um escritor/poeta – Alberto Santos; e Adélia Carvalho, uma Educadora de Infância dedicada à literatura infanto-juvenil.

Cada autor selecionado tem a sua relação com Penafiel, mesmo que não tenha nascido na cidade ou no concelho. **As águas termais de Entre-os-Rios e o facto de Penafiel ser um ponto de passagem** entre o Porto e Vila Real (e daqui para Trás-os-Montes e Beira Alta), com infraestruturas de apoio ao alojamento e à alimentação, bem como ao teatro (antiga capela do Senhor, da Misericórdia de Penafiel, cujo fundador, Rodrigo de Freitas e Beça – 1805/1874 – foi amigo íntimo da Camilo Castelo Branco, que confidenciou a sua história na prisão da Relação do Porto por causa do adultério com Ana Plácido).

Camilo Castelo Branco teve várias estadias em Penafiel, referindo-se às suas águas termais e às feiras, com as famosas albardas (selas). Sobre 1787, aludindo à elevação de Penafiel a cidade (1780), escrevia: “*Agora pôdes nas paredes pardas/ Meter por luminárias as candeias/ Estender por bandeiras as albardas*” (Costa et al., 2020, pp. 103-104). Foi o escritor que mais zurziu os “brasileiros”.

O **autor mais antigo**, ainda do século XVIII, **António de Almeida**, vem de Coimbra e evidencia-se como médico, poeta e escritor. *Descrição Histórica e Topográfica da Cidade de Penafiel* tem sido uma inspiração para quem se interessa por Penafiel.

Uma das figuras mais importantes do movimento literário português do século XIX é **Antero de Quental**. A *Geração de 70*, que incluía os intelectuais mais sonantes da época e as *Conferências do Casino* – proibidas pelo Governo -, conduzem-nos à convicção de formarem *Os vencidos da vida!* Em Penafiel, o eminente Joaquim de Araújo privilegia a relação de Antero com a cidade.

Um obreiro distinto é o poeta **João de Deus**. A sua revolução faz-se como pedagogo, lançando a *Cartilha Maternal* ou *Arte de Leitura* num país com 75-80% de iliteracia! Segue a nova mentalidade europeia, desde meados do século XIX, que é a escolarização das línguas maternas.

Eça de Queirós e a Casa de Tormes, em Baião, obrigava-o a passar por Penafiel onde alcançou as suas amizades intelectuais. Três notas: uma dormida caótica, com pulgas; “os monstros” que eram as raparigas descalças; e *Os Maias* com enredo em Penafiel, entre outras obras. A seguir a Camilo, está na lista dos escreventes que não para de enxovalhar os “brasileiros”.

O poeta **António Nobre** passou temporadas na Casa do Seixo, S. Mamede de Recezinhos, Penafiel – com ligações maternas -, e nas termas de Entre-os-Rios, para tratamento de doença pulmonar. Um busto no jardim público de Penafiel, outro no jardim da Cordoaria (João Chagas), Porto, e duas composições em Leça da Palmeira são o preto que honram o brilhante poeta.

O penafidelense **Joaquim de Araújo** granjeou enorme prestígio a nível nacional e internacional. Com uma atividade profissional e intelectual incomum não é de estranhar as suas relações profissionais, intelectuais e pessoais com as relevâncias da época: Camilo, Antero, João de Deus, Teófilo Braga, Almeida Garrett...

É da Lixa, Felgueiras, o jovem **Leonardo Coimbra** que frequenta o Colégio N.ª do Carmo, atual Museu Municipal, e que chega a Ministro da Instrução e funda as Escolas Primárias Superiores, no contexto da 1.ª República, e a Universidade do Porto, onde

INTRODUÇÃO (cont.)

rege a Filosofia.

Ao passarmos pela rotunda da Av. Pedro Guedes e da R. do Louredo, deparamos com uma casa com aberturas neoárabes (romantismo) e mansardas, rememorando as casas dos “brasileiros”, porque foi vendida por **José Júlio** a um industrial emigrante no Rio de Janeiro. Poeta dos hinos, colaborou no jornalismo da terra, doando à Biblioteca Municipal de Penafiel o seu espólio. Destaca-se a sua atividade de vice-cônsul de Espanha em Penafiel. A escolha do **P. Américo** torna-se duplamente feliz: escreveu na conjuntura dos valores cristãos e humanos, mas foi, essencialmente, um verdadeiro apóstolo da humanidade. Paço de Sousa acolheu a sua obra; aos necessitados, era-lhes proporcionada educação escolar e formação profissional.

Um homem de Oliveira de Azeméis, **Ferreira de Castro**, ex-emigrante no Brasil, é mais um intelectual que é acolhido em Penafiel. As Termas de S. Vicente e o seu *cafezinho* – onde ganha amigos -, merecem-lhe largados elogios. É um dos maiores vultos do realismo social do século XX, doando os seus livros autografados à Biblioteca Municipal de Penafiel.

Dois homens da Igreja Católica, penafidelenses, cruzam-se neste trabalho: o **P. Américo** e o **Bispo D. António Ferreira Gomes**. O primeiro, trabalhou diretamente com os alicerces humanos; o segundo, interveio no patamar mais elevado das responsabilidades políticas e sociais – Salazar, o verdadeiro governante do país, já que o Presidente da República não passava de uma figura decorativa! A sua coragem e determinação levam-no a afrontá-lo em *Carta a Salazar*, em nome das carências sociais que o país sentia! O gesto valeu-lhe um exílio de dez anos...

Eis-nos no cruzamento com a atualidade, com três escritores nascidos na década de 60 do século XX. Curiosamente, o que tem mais obras publicadas é o mais antigo: **José Rodrigues dos Santos**. Com relações familiares a Penafiel, *A vida num sopro* é, praticamente, um roteiro de Penafiel. A estação, a paisagem, o domingo, não ultrapassam o relógio tal é a pacatez que o autor nos descreve.

O romance histórico, a multiculturalidade (cristianismo, judaísmo e islamismo), as geografias, são, entre outras dimensões, o que podemos extrair das obras de **Alberto dos Santos**. Há ainda muito a esperar deste virtuoso escritor de Penafiel.

Partindo do gosto adquirido pela leitura na Biblioteca Municipal de Penafiel e das histórias contadas por um seu avô, analfabeto, **Adélia Carvalho** dedica-se à literatura infanto-juvenil, desenvolvendo-a com uma sua empresa – a livraria *Papa-Letras*.

É um percurso de quinze passos, que deu origem, mais uma vez, a uma exposição na Biblioteca Municipal de Penafiel, trabalho que cruza a História com a Literatura e, naturalmente, com os seus riquíssimos conteúdos. Prova-se, também, a importância de Penafiel quanto aos seus valores intelectuais e poder estratégico – desde a época medieval -, entre o Porto e Vila Real.



António de Almeida (1767 - 1839)

Dedicado, culto e estudioso!

Tinha um gosto especial pelas Letras, sendo autor da "Descrição Histórica e Topográfica da cidade de Penafiel".

Apaixonado pela escrita e pela poesia!

Foi presidente da "Academia Poética de Penafiel", onde compartilhava ideais políticos ligados ao liberalismo.

Adepto do iluminismo francês, sua vasta obra abrange escritos sobre medicina, política, história, arqueologia, filologia, botânica, ensaios, memórias, discursos e sonetos.

Foi médico do partido da Câmara e na Santa Casa da Misericórdia, onde foi diretor entre 1834 e 1835.

Durante as invasões francesas (1809), teve de procurar refúgio em vários locais, como no concelho de Bem-Viver (parte do atual concelho de Marco de Canaveses).



Almeida, Eduarda Pereira | Diccionario: José Carlos Marquesas | LER 1º Ano | 2023 | 2024
Rocha, C., Costa, I., Castanheira, M., Brito, P. (2020). "António de Almeida" in: *Guia Literário do Município de Penafiel*, Câmara Municipal de Penafiel, pp. 30-35.

Nascido em Coimbra em 26 de junho de 1767, António de Almeida teve uma vida marcante que o levou a **estabelecer-se em Penafiel por quase cinquenta anos**. A sua trajetória foi premiada por desafios e conquistas que o distinguiram como uma figura de destaque na cidade, onde acabaria por falecer em 1839, após servir como Presidente da Câmara.

Originário de uma família de baixo estrato socioeconómico, António de Almeida encontrou apoio em figuras notáveis de Coimbra, com as quais seus pais tinham relações. Em 1785, tirou o curso de Medicina, iniciando assim uma carreira que o levaria a desempenhar funções como **médico do partido da Câmara** (designação de um médico público pago pela autarquia e não a referência a um partido político) e na Santa Casa da Misericórdia a partir de 1791.

O seu papel como diretor na Santa Casa da Misericórdia, entre 1834 e 1835, foi bastante notável, sendo reconhecido e premiado pela cidade, inclusive com a atribuição da medalha de prata pela Instituição Vacínica em 1814.

No entanto, a sua vida pessoal foi marcada por **tragédias**. Apesar de seus êxitos profissionais, António de Almeida enfrentou a perda de nove de seus onze filhos e, mais tarde, a morte de sua esposa. As invasões napoleónicas trouxeram novos desafios, obrigando-o a buscar refúgio em locais como o concelho vizinho de Bem-Viver, no atual Marco de Canaveses. A sua defesa fervorosa dos ideais liberais colocou-o em conflito com as forças do rei absolutista D. Miguel, resultando no seu afastamento da posição na Santa Casa.

Além de sua dedicação à medicina e à administração pública, António de Almeida tinha grande interesse pelas **Letras**. A sua obra "Descrição Histórica e Topográfica da Cidade de Penafiel" reflete o seu compromisso com a história local, enquanto a sua associação à Academia Poética de Penafiel, na qual foi presidente, revelou a sua paixão pela escrita e pela poesia. Adepto do Iluminismo francês, os seus livros abrangem uma variedade de temas, desde medicina até política, história, arqueologia, filologia e botânica, demonstrando a sua erudição e interesse multifacetados pelo conhecimento humano.

A sua importância para Penafiel foi de tal modo que, em 2006, a Biblioteca Municipal de Penafiel **publicou "Descrição histórica e topográfica da cidade de Penafiel"**, de António D'Almeida, em 1815, com a coordenação da sua atual diretora, Adelaide Galhardo, e prefaciada pelo então Presidente da Câmara e escritor, Alberto Santos. É uma edição fac-similada.

É conhecido ainda pela sua faceta de **beneficente**, tendo contribuído financeiramente para algumas obras de caridade, como a Ordem Terceira do Carmo, em Penafiel.

Teresa Soeiro (1994) e Pedro Graveto (2000) baseiam-se em António de Almeida para assistirem ao desenvolvimento de Arrifana de Sousa, Penafiel a partir de 1770, aquando da elevação a cidade. Por exemplo, sobre a **Rua Direita** (com denominações parcelares), que era o meio de ligação da parte baixa com a alta da cidade, ou seja, ligava a Igreja Matriz com a Igreja da Misericórdia, posteriormente elevada a Sé (quando se atribuiu o bispado de Penafiel, de 1770 a 1778). A cidade surge da necessidade de se instalar pontos de comércio na estrada que ligava o Porto a Vila Real; desta forma, a Rua Direita de Penafiel ganha **função comercial**, portanto, a maior parte dos pisos térreos das casas que se instalaram ao longo da rua continham lojas de comercializações várias para atender vários tipos de mercadores.

Eduarda Pereira

"Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses." (Sócrates)

sce
Século XIX

CAMILO CASTELO BRANCO

(1825-1890)

Vulto maior da Literatura Portuguesa e grande polemista do seu tempo, Camilo ficou marcado para a História como o primeiro artífice das letras em Portugal a viver profissionalmente da escrita.

Em "Memórias do Cárcere" (1862), surge o primeiro grande registo de Penafiel mediante a história do Tenente de Milhundos e de José Teixeira da Silva (Zé do Telhado), o "mais afamado salteador deste século", que Camilo tenta humanizar como o Robin dos Bosques português.

As referências a Penafiel continuam em narrativas como "Vinte horas de liteira" (1864), "A queda dum anjo" (1866) e "A enjeitada" (1866).



As suas relações com amigos em Penafiel proporcionam-lhe bastantes estadias: António Joaquim de Araújo, amigo de Antero de Quental, e cofundador do jornal "O Século XIX" (1864-5); Rodrigo de Freitas Beça, médico e escritor; o filho, Coriolano de Freitas Beça, um dos fundadores do jornal "O Penafidense".

Nome: Ana Teixeira Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 2.º S | L. E. B. | História de Portugal II
Bibliografia:
Rocha, C., Costa, I., Castanheira, W., Brás, P. (2020). "Camilo Castelo Branco" in Mapa dos Avessos. Guia Itinerário de Penafiel, 1.ª edição. Câmara Municipal de Penafiel, pp. 99-112.

Camilo Castelo Branco nasceu em 1825, em Lisboa; é uma figura emblemática da literatura portuguesa do século XIX. Originário de uma família modesta, enfrentou diversas adversidades ao longo da vida. Apesar disso, a sua paixão pela escrita levou-o tornar-se um dos mais **prolíficos autores portugueses**.

Com uma obra vasta e multifacetada, Camilo destacou-se principalmente no romance, género em que explorou temas como o amor, a tragédia e as complexidades da condição humana. O escritor viveu numa época conturbada da História de Portugal, marcada por **instabilidades políticas e sociais**. A sua vida pessoal também foi turbulenta, com relacionamentos amorosos tumultuados e problemas financeiros recorrentes. Essas experiências pessoais influenciaram profundamente a sua escrita, passando-lhe uma perspetiva única e uma capacidade ímpar de retratar as emoções humanas com intensidade e realismo.

A sua obra mais conhecida é "**Amor de Perdição**". Nestes e em outros romances, Camilo revela a sua competência na construção de personagens complexas e na narrativa envolvente. O seu estilo literário caracteriza-se pelo uso abundante de diálogos, descrições detalhadas e uma prosa densa, que convida o leitor a refletir sobre as questões mais profundas da existência. Apesar de ter enfrentado críticas e polémicas ao longo da sua carreira, o legado de Camilo perdura até os dias de hoje, sendo as suas obras estudadas e apreciadas por gerações sucessivas de leitores académicos e do público em geral.

A sua **contribuição para a literatura portuguesa** é inestimável, e o seu nome permanece como um símbolo do poder transformador das palavras e da capacidade do escritor de transcender as circunstâncias adversas em busca da verdade e da beleza. A casa onde viveu com Ana Plácido (presos, ele por rapto, ela por adultério que dava, na altura, pena de prisão consumada na Relação do Porto) é, atualmente, a Casa-Museu de Camilo Castelo Branco, em Seide, V. N. Famalicão.

Recuando à literatura oitocentista, chegamos ao incontornável Camilo Castelo Branco que, subsistindo da escrita, acabaria por se suicidar. O *brasileiro* Manuel Pinheiro Alves, casado com Ana Plácido, a grande paixão do escritor, é a particularidade que explica, em boa parte, a **presença de brasileiros nas suas obras**, sempre olhados de forma depreciativa e caricatural. Em *Eusébio Macário* (1879), a filha do farmacêutico Macário, Custódia, casa por interesse com o rico negociante feito comendador, Bento José Pereira Montalegre (Rodrigues, 2021). Camilo foi um homem do seu tempo e um sagaz observador social, ainda que com alguma parcialidade.

A época de 60 do século XIX é a de **correspondência com penafidenses**, como Rodrigo de Freitas Beça e António Joaquim de Araújo. Em "Vinte horas de liteira" (1864) e "A queda de um anjo" (1866) dá-se importância às estalagens de Penafiel enquanto em "A enjeitada" (1866) revela-se um episódio da Guerra Peninsular (2.ª invasão francesa) que envolve a população da cidade.

Destacamos um comentário jocoso de Camilo sobre as **albardas (selas para animais)**: "*anda por aqui muita gente em mangas de camisa, esperando que a viabilidade lhe permita aproximarem-se desse armazém de fato feito* (Costa et al., 20020, p. 104)". Esta era a piada que se costumava dar a quem se queria chamar besta! Na 2.ª invasão francesa, em 1809, sobre um **discurso de frade numa igreja de Penafiel**: exaltado para motivar a população, Camilo, sem acrimónia, escreve: "*não ouro, espumou sangue* (Costa et al. 2020, p. 110)", aparecendo Penafiel associado a um patriotismo fervoroso. Camilo tem uma relação privilegiada **com o penafidense Joaquim Araújo**, desde a publicação de "Lira íntima", primeira obra poética publicada pelo escritor penafidense, que chegou a ser orador no funeral de Camilo.

Ana Teixeira

"Pouca sinceridade é ma coisa perigosa, e muita sinceridade é absolutamente." Óscar Wilde)



O século XIX - primeiro período literário português - viu a junção de duas correntes literárias: o Romantismo e o Realismo. Antero defendeu a liberdade de pensamento e a independência dos novos escritores. Atacou o academismo e a decadente literatura romântica e prega a renovação. Nasceu a "Questão Coimbra", como ficou conhecida essa polémica, que marcou o divisor entre o Romantismo e o Realismo.

Antero de Quental escreveu um célebre poema-epitáfio ainda hoje gravado na sua lápide, que será, segundo Ferreira de Brito, um dos poemas portugueses mais traduzidos no mundo.

A obra "Mensagem", de autoria de Fernando Pessoa, foi a grande vencedora do Prémio Antero de Quental, que existiu entre 1934-1973, do SPN (Secretariado de Propaganda Nacional).

ANTERO DE QUENTAL

(1842-1891)
 Escritor, filósofo e poeta açoriano, teve um papel incontornável na chamada Geração de 70.
 "Eu nunca gostei de rir... / Tinha de me rir de tudo!"

Antero de Quental, poeta, filósofo e figura central do movimento literário português do século XIX, deixou uma marca inefável na história cultural de Portugal. Nascido na Ilha de São Miguel, nos Açores, em 1842, Quental revelou desde cedo uma sensibilidade poética e um intelecto profundo. A sua poesia ficou marcada por uma melancolia romântica e uma procura incessante pelo sentido da vida, refletindo as suas inquietações e angústias existenciais.

Influenciado por ideias filosóficas e políticas, Quental foi um dos fundadores do movimento "Geração de 70", que procura revitalizar a cultura portuguesa através de uma abordagem mais crítica e progressista. A sua obra mais conhecida, "Os Sonetos Completos", reflete a sua procura pela verdade e a sua luta contra as injustiças sociais e a opressão.

Em 1871, organiza as *Conferências do Casino Lisbonense*, proferindo as duas primeiras, *O Espírito das Conferências* e *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. No rescaldo da interrupção e da proibição das Conferências, consideradas subversivas pelo Governo, Antero vive a sua fase política mais intensa, fundando, com José Fontana, a I Internacional Operária em Portugal e também o jornal *O Pensamento Social* ([https://www.infopedia.pt/artigos/\\$antero-de-quental](https://www.infopedia.pt/artigos/$antero-de-quental)).

A vida de Antero foi marcada por lutas internas e tragédias pessoais. Ele enfrentou crises de depressão e questionamentos profundos sobre o sentido da existência, o que o levou a se envolver com o espiritismo e outras correntes filosóficas à procura de respostas. Em 1891, aos 49 anos, Antero de Quental tirou a própria vida, deixando um legado literário e filosófico que continua a inspirar gerações. A sua poesia continua a ressoar pela sinceridade das suas emoções e pela profundidade das suas reflexões sobre a condição humana, tornando-o uma das figuras mais importantes da literatura portuguesa do século XIX. Antero de Quental lembra-nos que a verdadeira grandeza não está apenas nas conquistas externas, mas na coragem de explorar os abismos da própria alma à procura de significado e autenticidade.

A sua relação com Penafiel destaca-se com Joaquim de Araújo e o poema-epitáfio que dedicou à irmã deste, traduzido em 50 línguas, e a colaboração com o jornal *Século XIX*, fundado por Germano Meireles.

Uma quadra de *Contra o riso* (1864): "Que ninguém mó leve a mal; / Por quanto, a falar a verdade, / Só a rir de Portugal / Consumia toda a vida... / E quanta cousa esquecida".

O prémio Antero de Quental atribuído entre 1934-1973 (praticamente durante todo o Estado Novo) pelo Secretariado de Propaganda Nacional registou, na sua primeira atribuição, um incidente curioso: em segundo lugar, a favor de "Romaria", de Vasco Reis, como assinava na época Manuel Reis Ventura, que ganhou o primeiro lugar, ficou a obra "Mensagem", nada mais nada menos do que Fernando Pessoa! (Costa et al., 2020).

Algumas frases relevantes de Antero: "As nações, com sorriso bestial, abrem, sem ler, o livro do futuro." / "A noite é a imagem da Verdade, que está além das coisas transitórias." / "Não é mortal o que eu em ti adoro." / "Conheci a Beleza que não morre e fiquei triste." / "O presente, a aspirar sempre ao futuro, uma sombra mentirosa." / "Só males são reais, só dor existe; prazeres só os gera a fantasia." / "O pensamento, que mil planos traça, é vapor que se esvai e se dissolve."

Beatriz Silva

"A vida é breve, escapa-se-nos como a água entre os dedos." (J. Rodrigues dos Santos)



ISCE
DOURO

JOÃO DE DEUS

(1830-1896 | Poeta-educador)



NA SUA EXPERIÊNCIA COMO PAI, JOÃO DE DEUS COMEÇOU A DIRECIONAR A ATENÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS.

A nova e revolucionária "Cartilha Maternal" (1876), que esgotou várias edições, prometia uma forma de aprendizagem mais rápida e intuitiva do que a vigente de António Feliciano de Castilho. A "Cartilha Maternal" é utilizada na Associação de Jardins-escolas João de Deus.

O JORNAL "PENAFIDELENSE", QUE PUBLICOU O POEMA "A ESCOLA", DE GUERRA JUNQUEIRO (1850 - 1923). CUJOS VERSOS ATACAM E DENUNCIAM A VELHA REPRESSIVA PEDAGOGIA TRADICIONAL A FAVOR DA ADOÇÃO DO NOVO MÉTODO DE JOÃO DE DEUS.

O JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS, EM PENAFIEL, É UM EDIFÍCIO DESENHADO PELO ARQUITETO SIZA VIEIRA.

Ana Isabel Sousa | Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 2º S | L.E.B.
| História de Portugal II

Cerca de 30 anos de trabalho poético de João de Deus constroem o que Eça de Queirós considera "a alma poética do povo português" (Costa et al., 2020, p. 117). João de Deus, como pai, desenvolve a sua via de pedagogo, que levou cerca de sete anos a concretizar a **Cartilha Maternal**, que substitui a de Feliciano Castilho com muito êxito. Duas razões podem ser relevadas nesta determinação: em pequeno, o sapateiro fez-lhe uma botas sem tirar a medida. Sendo "a olho", João de Deus questiona-o, ao que ele responde: a pouco e pouco o pé adapta-se à bota! Outra questão tinha a ver com o analfabetismo da **população portuguesa em cerca de 80%! O** penafidense Joaquim de Araújo – que mantém correspondência com João de Deus -, promove a divulgação da **Cartilha Maternal**. É no jornal **Penafidense** que se faz a divulgação do novo método pedagógico, publicando-se as lições.

João de Deus e Antero de Quental recebem **os favores de O Século XIX**, periódico fundado por Germano Meireles, para a divulgação dos seus poemas. A criança, desde a primeira lição, é convidada e estimulada a ser **analista da linguagem**, porque as dificuldades são explicadas por regras que satisfazem o raciocínio e o pensamento lógico do aluno. O uso de mnemónicas na formação temporária das consoantes **incertas** e a apresentação das palavras segmentadas silabicamente (recorrendo ao uso do preto/cinza), sem quebrar a unidade gráfica, são duas das principais linhas de força que caracterizam o método.

Uma das relações intelectuais de João de Deus é com o **penafidense Joaquim Araújo**, a quem reconhece o valor da sua poesia, clarificando a sua predileção pela poesia amorosa, não desfazendo a poesia de altos conceitos na poesia filosófica, na poesia científica, política e até industrial; se não existisse, não a inventava.

João de Deus, apesar de se relacionar com Antero de Quental, não se identificou com a corrente literária ultrarromântica, nem com as preocupações sociais e políticas da denominada **Geração de 70**, que integrou os grandes vultos da Literatura portuguesa. Entretanto, há investigadores que o incluem na **corrente do romantismo**. Perspetivas que elevam a dignidade da investigação, pois, uns e outros argumentam coerentemente mediante as obras que apreciam.

O século XVIII, com as suas revoluções – Industrial e Francesa -, foi **inspirador para a escrita de João de Deus**. Essas revoluções trouxeram ao espírito romântico a crença nas doutrinas liberais da burguesia, proclamando a liberdade de criação e de expressão aos escritores do movimento romântico (Soardi, 2012).

Esses elementos histórico-sociais contribuíram para o aspeto de **espontaneidade da obra poética de João de Deus**. A sua poesia adquiriu características de leveza, gerando versos com tom de liberdade de criação, que tinha no amor um sentimento que expressa "a **ingenuidade e verdade da alma primitiva**" e que "foram na língua portuguesa expressas pela graça e frescura das redondilhas populares, em que as locuções do vulgo dão o perfeito equivalente do estado de sentir de uma sociedade patriarcal" (Soardi, 2012, pp. 1-2).

Em 2013, a obra de João de Deus é detentora de **55 centros educativos**, entre eles um museu, uma casa-museu e uma Escola Superior de Educação, e multiplica-se em projetos de apoio aos mais desfavorecidos, dando seguimento ao perfil humanista do seu fundador. Uma informação atual redu-los para 43 Jardins de infância. De qualquer forma, é um sinal de que as metodologias diferenciadas são uma mais-valia para a Educação. As homenagens são inúmeras, como é o caso do **Jardim de Infância de Penafiel**, próximo do ISCE Douro.

Ana Isabel Sousa

"João de Deus continua vivo na alma da nação." (José Alberto Quaresma)

Eça de Queirós (1845-1900)

Falou, de forma severa, nas meninas de Penafiel: "Monstros (...) e, eu, lavadeiras, raparigas de pé-descalço, não tolero (...). Há gente que gosta (...), mas eu, acredite, Vossa Excelência, não tolero".

Penafiel, onde chovera sempre tanto, que ele vira-se forçado a ficar em casa, estupidamente, a ler... "Uma maçada! Ainda se houvesse ali umas mulheres para ir dar um bocado de cavaco".



"O crime do Padre Amaro" (1875) retrata a paixão entre Amaro e Amélia, obra que chocou a Igreja e a sociedade em Portugal e no Brasil.

Penafiel surge algumas vezes em "Os Maias" (1888) que aborda o incesto (Carlos Eduarda).



José Maria Eça de Queirós, nascido em 25 de novembro 1845, na cidade Póvoa do Varzim, destacou-se como um **grande autor do realismo português**, com uma grande originalidade e riqueza na seu estilo e linguagem. Além disso, este escritor marcou pela crítica social presente nos seus romances.

Eça de Queirós deixou obras muito importantes para a literatura portuguesa tais como: "O crime do Padre Amaro", "O primo Basílio" e os "Os Maias" que, hoje em dia, se estudam ao pormenor no ensino secundário. Penafiel surge algumas vezes na última obra (1888), que aborda o incesto (Carlos e Eduarda). "*Carlos contou rapidamente que Vieira, apenas apertou a mão ao pobre Dâmaso, de jornada para Penafiel, por causa da morte do tio. Debruçado da portinhola, com as mãos calçadas de negro, o pobre Dâmaso estava saudando a senhora condessa, gravemente, funebremente. E o bom Gouvarinho não quis deixar de lhe ir dar logo o seu shake-hands e os pêsames. Até na pesagem - acrescentou ele muito sério - falamos sempre inglês!* Repetiu ainda que as corridas eram chiques. Depois não achou mais nada – e **falou de Penafiel**, onde chovera sempre tanto que ele se vira forçado a ficar em casa, estupidamente, a ler... "*Uma Maçada! Ainda se houvesse ali umas mulheres para ir dar um bocado de cavaco. Mas qual! Uns monstros* (Costa et al., 2020, p. 132).

É considerado o autor lídimo representante das correntes literárias realista e naturalista. Foi visitado em Paris, no seu consulado, várias vezes por Antero de Quental ajudado por Eça quando concorrera para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, por causa de um atraso às provas.

Eça de Queirós, em "O Conde d' Abranhos: notas biográficas de Z. Zagalo"(1825, póstumo) prova o seu talento para a sátira social: "*Florido, que pelo lado materno era um Noronha, casou em Penafiel, e a sua vida teve a tranquilidade límpida de um belo rio de águas que corre entre margens de serenidade idílica. Viveu, amou, trabalhou (...)* **Que sensação em Penafiel, quando se soubesse! Que ferro para os que o tinham chamado [Florido] de pedante e roncão. Que vingança deliciosa para Virgininha, que iria ao Paço, enquanto a mulher de Cardoso Torres, que lhe chamara sirigaita, ficava fora da Corte, reduzida ao seu crochet (Costa et al., 2020, p. 133).**

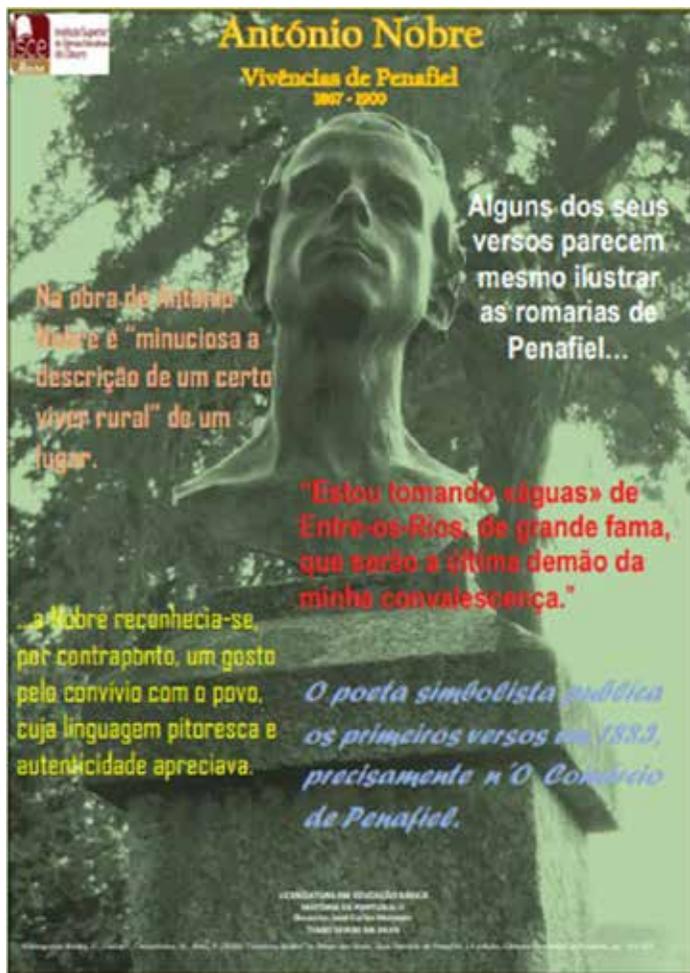
Ainda sobre Penafiel, numa das suas passagens, em 1892, com pernoita de insónia por causa das **peripécias com pulgas no Hotel Central** da Rua Formosa, atualmente Avenida Sacadura Cabral, a caminho de Beire e Tormes (Baião), numa carta endereçada a Emília de Castro (1892), para além dos detalhes pitorescos dos menus, "*O mais picante foi ela ter passado [a Benedita] uma noite sobre a mesa de jantar do Hotel de Penafiel, como nos tempos do Antigo Regime em dias de romaria ou feira* (Costa et al., 2020, p. 135).

Completamos a referência às **mulheres de Penafiel em "Os Maias"**: "*Há gente que gosta, aparigas de pé-descalço (...) mas eu, acredite Vossa Excelência, não tolero (...)* *Carlos corara, mas Maria Eduarda parecia não ter ouvido, ocupada a contar atentamente as malhas do seu bordado* (Costa et al., 2020, p. 130). Mas tem de se perceber o contexto em que se diz tal, pois, na generalidade, Penafiel é evocada na narrativa como um lugar extremamente importante para o desenrolar da ação. Foi um escritor e diplomata português, e é considerado um dos mais importantes escritores e romancistas portugueses de sempre.

O pai de Eça foi o juiz instrutor do processo de Camilo Castelo Branco e Ana Plácido, rapto e adultério, respetivamente, presos na cadeia da Relação do Porto. **A casa de Tormes, em Baião, funciona como Fundação Eça de Queirós**, com espólio do escritor e visitas guiadas e visitas guiadas e serviço de restaurante.

Carla Ferreira

"A vida é breve, não passa de um instante fugaz de um brilho efémero, mas trevas da eternidade." (J. Rodrigues Santos)



António Nobre (1867-1900) é **um dos maiores poetas do século XIX**. A sua poesia é influenciada pelos poetas simbolistas franceses contemporâneos, concernida à sua estadia por Paris. Todavia, é o seu temperamento e personalidade nostálgica que definem a sua obra (Cláudio, 1988).

Licencia-se na Sorbonne, em 1895, e candidata-se a cônsul. Porém, uma tuberculose pulmonar obriga-o a constantes deslocações, como os Estados Unidos da América, Açores e Suíça. Em Penafiel, onde tem **raízes maternas na Casa do Seixo, em S. Mamede de Recezinhos**, procura retemperar-se da sua enfermidade, instalando-se na Casa das Andrades, em Casais Novos (Estalagem Bolinhos do Amor). É na poesia daquele que António Nobre considerou "o livro mais triste de Portugal" - *Só* - que encontramos personagens como Carlota, o velho caseiro José e a avó, mas também lugares familiares como Tapada das 14 Cruzes, próxima de S. Mamede de Recezinhos, lugar do Casal e a Estalagem Bolinhos de Amor, das irmãs Andrade. As irmãs que foram as espectadoras da "*sua doença lenta, das noites a que, a desoras, recitava altos versos naquele quarto espaçoso e quase nu daquela Estalagem, dos seus caprichos de enfermo*" (C. Rocha et al., 2020, pp. 161-162)".

Nestas temporadas, o autor contempla todo o ambiente bucólico e campestre que transmuda para os seus poemas, bem como resquícios da sua infância. Publica os seus **primeiros versos em 1883 n' *O Comércio de Penafiel***. Esta ligação literária, mormente afetiva à cidade, contribui para que continue a ser estudado e laureado.

Em 11.08.1897, António Nobre, numa das inúmeras cartas que escreve aos amigos, dirige-se a Justino de Montalvão, asseverando-lhe: "*Estou 'tomando águas' de Entre-os-Rios, de grande fama, que serão a última demão na minha convalescença*". Interessante é o modo como António Nobre alude aos caseiros após um seu retorno, em missiva endereçada a Augusto Nobre (12.09.1899): "*Cheguei já noite. Como sempre acontece com os caseiros fui vítima de qualquer novidade trágica a meu respeito e da sua pouca inteligência. (...) grande paixão que tinham tido por mim, pela minha morte. Que tinha espichado no país dos turcos, lá na Turquesia (...) dei-lhes uma descompostura.*" (Rocha et al., 2020, p. 164)".

O estado de espírito de António Nobre em Penafiel manifesta-se noutra carta dirigida a Luís Martins da Costa Soares, em 28.07.1899, no seu quotidiano de saúde atribulada: "*São deliciosos estes bifés de Casais. A minha vida nada tem que contar. Todos os dias a mesma coisa: comer, beber e dormir. Animal como vê*" (Rocha et al., 2020, p. 164)".

O seu busto está representado simbolicamente no **Jardim público do Calvário**, na cidade. Reconhece-se-lhe o gosto pelo convívio com o povo e alguns dos seus versos parecem retratar as romarias de Penafiel. Em 1892 é publicado o seu único livro, em vida, *Só*, em Paris, no qual retrata muitas das suas idiossincrasias e do seu caráter solitário.

Nascido no Porto, mas com temporadas passadas em Leça da Palmeira, na Praia da Boa Nova, é homenageado com uma placa cravada nos rochedos com parte de um dos seus sonetos. Nas proximidades do farol, há um **conjunto alusivo a António Nobre** (desenho da autoria de Siza Vieira) e uma placa: "*Farto de dores com que o matavam / foi em viagens por esse mundo - a António Nobre, 1980*". "Matar ou ser morrido". Em suma, António Nobre é uma **referência da literatura nacional** inserindo-se nas correntes ultrarromântica, simbolista, decadentista e saudosista.

Tiago Seixas

"Ser diferente dos outros é já uma desgraça; ser superior aos outros é uma desgraça muito maior." (Raúl Brandão)

isce

JOAQUIM DE ARAÚJO (1858-1917)

Poeta, erudito, bibliógrafo, jornalista e cônsul em Itália, e um reconhecido e singular promotor e tradutor de literatura portuguesa na Europa.



Os seus primeiros versos são publicados no jornal *O Penafidense*, com 14 anos apenas... São-lhe reconhecidas relações literárias, profissionais e pessoais com nomes relevantes da Literatura da época, como Camilo, Antero, João de Deus, Teófilo e Garrett.



Penafiel reconhece a importância desta ilustre figura penafidense das Letras, de relevância nacional. Existe um **Agrupamento Escolar** nomeado em sua homenagem, tendo chegado mesmo a promover um prémio literário em seu nome.

Chegou a confessar que uma missiva de Alice Moderno (apaixonados) o teria impedido de cometer o suicídio: “Disse-te uma vez que te devia a vida; julgaste um exagero, mas a verdade é que me chegou às mãos uma carta tua no momento preciso em que tirava do descanso o meu revólver.”

Catarina Moura | Docente José Carlos Mendes | 2524 | 2.º S | L. E. B. | História de Portugal II
Rocha, C., Costa, L., Casanheira, M., Brás, P. (2020). “Joaquim de Araújo” in: Mapa do Letroz. Guia Literário de Penafiel, 1.ª edição. Câmara Municipal de Penafiel, pp. 139-143.

Viale Moutinho regista que “este intelectual é exemplar de determinada camada que, no ocaso do século XIX muito trabalhou (Rocha et al., 2020, p. 139)”. Os seus primeiros versos foram publicados no jornal *O Penafidense*, com 14 anos. Fundou *A Harpa* aos 15 anos com Sampaio Bruno (intelectual do Porto e defensor da República); Teófilo Braga, seu professor em Lisboa (também político e escritor), relevava as suas faltas para que ele fizesse o jornal. É elogiado pelas sua *Poesia lírica* (1881) por figuras nacionais: Pinheiro Chagas (romancista, historiador, político) e Oliveira Martins (escritor, deputado, ministro).

São-lhe conhecidas relações profissionais, intelectuais e pessoais com nomes relevantes da Literatura de então: Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, João de Deus, Teófilo Braga, Almeida Garrett. A sua escrita mostra influências de Camilo Castelo Branco, João de Deus e Antero de Quental, que, por sua vez “lhes encomendou críticas em Portugal, Alemanha, França, Inglaterra, Espanha e, sobretudo, em Itália, lhes publicou cartas, lhes abriu várias revistas e jornais e lhes mandou fazer traduções (Rocha et al., 2020, p. 140)”.

No falecimento da irmã de Joaquim Araújo, Zara, Antero de Quental escreveu um poema-epitáfio, ainda hoje gravado na sua lápide, traduzido em 50 línguas por iniciativa de Joaquim Araújo: “feliz de quem passou por entre a mágoa / E as paixões da existência tumultuosa / Inconsciente como passa a rosa, / E leve, como a sombra sobre a água. / Era-te a vida um sonho: indefinido / E tenue, mas suave e transparente / Acordaste...sorriste... e vagamente... / Continuaste o sonho interrompido (Rocha et al., 2020, p. 151)”.

Ferreira de Brito escreveu “Se Antero de Quental foi o mentor da sua geração, Joaquín de Araújo haveria de ser o seu grande divulgador, tanto em Portugal como na Europa (Rocha et al., 2020, p. 141)”.

Alice Moderno, sua grande paixão – a quem aludimos no cartaz -, foi uma mulher pioneira em todos os sentidos: feminista, mulher independente financeira e independentemente, batendo-se pela alfabetização das mulheres, pela cultura, contra a exploração e ignorância, uma intelectual que marcou o seu tempo, afinal, com uma postura que ainda hoje a mulher se confronta! Foi ainda a primeira mulher a frequentar o liceu, a primeira jornalista e ainda a primeira diretora de um diário. Esta referência serve para elevar, igualmente, Joaquim de Araújo, pois, certamente que terá havido influências mútuas na correspondência que trocaram.

Em 2020, a casa onde nasceu era o Café-Bar, com uma placa identificativa. Há um agrupamento de escolas com o seu nome, mas terá sido suficiente para um penafidense que se tornou figura nacional? Internacionalmente, registamos o facto de a maior parte do seu espólio se encontrar em Veneza, Itália, na Biblioteca Nazionale Marciana.

Urbano Tavares Rodrigues (um escritor homenageado na *Escritaria*) refere-se a Joaquim Araújo como um espírito muito lido e facilmente brilhante “exercendo certa tutela mental nos seus contemporâneos da vida literária portuense, sobretudo nos jovens que lhe admiravam as citações, as redundâncias retóricas e a real inteligência (Rocha et al., 2020, p. 145). Eça de Queirós (Rocha et al., 2020, p. 148) elogia os sonetos de Joaquim Araújo não necessitando dos seus “Laboriosos comentários”, adiantando que os sonetos seriam “mais belos, vistos sós, na sua pureza esculpural de linhas nobres”. Um vulto das Letras com uma intensa atividade cultural no estrangeiro, mas que exarou o seu sepultamento na terra que o viu nascer.

Catarina Moura

“Uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida” (Sócrates)



Odiou a disciplina excessiva do internato do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, atual Museu Municipal de Penafiel. Mas Penafiel fazia-o lembrar "A alegria, a dor e a graça". E acrescenta: "sim, foi no colégio que aprendi a scismar (Coasta et al., 2020, p. 177)". Reconheceu que **lhe fazia falta a disciplina do colégio** na Faculdade de Filosofia, em Coimbra, onde, em quatro anos, só terminou três cadeiras!

"A alegria, a dor e a graça" (1916) é uma publicação onde não deixa de vincar o colégio de velhos moldes: a disciplina era brutal e assustadora, muitas palmatoadas reias, muitas em ameaça e longas horas de silencioso estudo na sala da sua janela, acabando por reconhecer: "Oh, secretos mistérios da pedagogia (Costa et al., 2020, p. 178)!"

Como ministro da Instrução Pública, **fundou as Escolas Primárias Superiores**, reformou a Biblioteca Nacional e criou a Universidade do Porto, onde lecionou. A sua principal atividade pedagógica terá sido a que exerceu de 1919-1931 como professor catedrático e diretor do grupo de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Quando aderiu à Esquerda Democrática, **fez propaganda a favor da intervenção de Portugal na 1.ª Grande Guerra**, não obstante a neutralidade oficial do país. A Batalha de La Liz (9 de abril de 1918), na Flandres, Bélgica, foi trágica para os soldados portugueses. As forças portuguesas, em apenas algumas horas, contabilizaram cerca de 400 mortos e 7 000 prisioneiros. Foi uma pesada derrota, onde cada país beligerante – Portugal e Inglaterra – tem a sua própria "versão" dos factos. Mas há outras versões...

Naquele ano, Leonardo Coimbra foi preso porque defendia a causa do sidonismo (Sidónio Pais, Presidente da República – o Presidente-Rei) (Coelho, 2008).

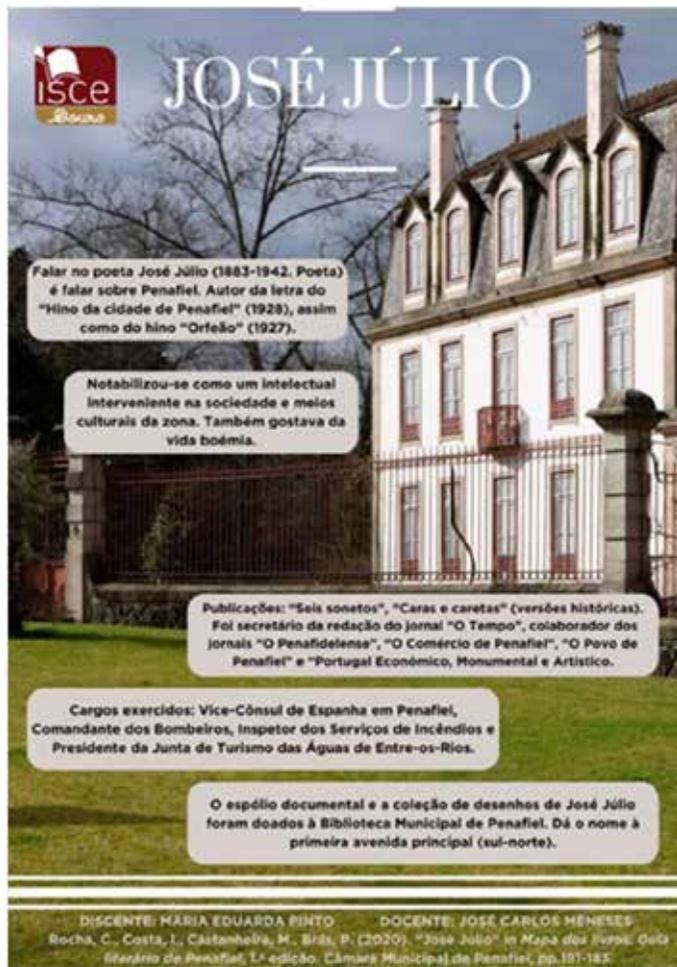
Republicano de todas as horas, Leonardo nunca deixou de verberar no republicanismo aquilo que considerava serem erros de essência e de forma, desde os postulados positivistas até às lutas fratricida sem que, insensatamente, se empenharam os filhos da República. Mas também a sua palavra, celebrando momentos de heroicidade, de união, de glória, sobretudo um tributo ao povo republicano, ao povo humilde das grandes cidades, que tão abnegadamente amou a República e por ela se bateu. Uma chamada de atenção para um trajeto espiritual percorrido por esta figura de livre-pensador que, pouco a pouco, **se foi aproximando de um cristianismo católico**, acabando por se converter oficialmente a esta fé, uma semana antes da sua trágica morte.

Fica-nos, por fim, o conhecimento da obra cultural de Leonardo e a perpetuação da mesma, primeiramente através de uma geração de discípulos que, de perto, privou com o Mestre e depois os discípulos dos discípulos, ou seja, uma segunda geração de seguidores, todos unidos pela figura e pelo **legado cultural de Leonardo Coimbra**, a quem alguém chamou, com felicidade, "Mestre dos Mestres" (Fava, 2008).

A **toponímia**, uma escultura e uma Escola Básica (integrada num projeto Eco-Escolas) na Lixa, Felgueiras, bem como um centro de formação da ANP (Associação Nacional de Professores, com sede em Braga) constituem uma legítima homenagem ao intelectual, filósofo, professore e político que foi Leonardo Coimbra. É um autor muito investigado; havendo inúmeras obras sobre este felgueirense, prova demonstrativa do seu valor como intelectual.

Margarida Ferreira

"Você enfrentará muitas derrotas na vida, mas nunca se deixe ser derrotado." (Maya Angelou)



José Júlio é uma **figura emblemática de Penafiel**, conhecido pela sua contribuição cultural e social na região. Além de ter escrito o hino da cidade e do Orfeão de Penafiel, destacou-se como Vice-Cônsul de Espanha, comandante dos Bombeiros, Inspetor dos Serviços de Incêndios, Presidente da Junta de Turismo das Águas de Entre-os-Rios, Secretário da redação do jornal *O Tempo* e colaborador em diversos jornais locais como *O Penafidelense*, *O Comércio de Penafiel*, *O Povo de Penafiel* e *Portugal Económico, Monumental e Artístico*. Destacam-se os "Seis sonetos", da sua autoria, assim como as publicações históricas "Caras e caretas", que realizou em parceria com Ernesto Melo, sobre o território que tanto amava, proporcionando retratos divertidos e biográficos de figuras públicas da época. Ambos foram figuras proeminentes na imprensa local, sendo Ernesto Melo diretor do semanário *O Tempo*. A José Júlio será sempre associada a **Casa do Louredo**, palacete onde nasceu e viveu, situado em Penafiel, na Rua do Outeiro. José Júlio, além do seu contributo na sociedade penafidelense, apreciava a vida boémia, utilizando pseudónimos como Mário Moreno e David Airada.

"Autores Penafidelenses" regista uma apreciação de António Gomes de Sousa: "*Nas horas cheias é poeta inspirado e já consagrado no nosso meio; nas horas vagas, afirma o condão que já lhe conhecíamos, de prosador claro, conciso, realista e exato nas suas descrições*" (Costa et al., 2020, p. 181)".

A sua veia poética pode verificar-se em "Caras e Caretas", num poema dedicado a Ernesto de Melo: "(...) *Foi no Porto a tua mocidade / A ministrar a todos com bondade, / O puro ensino, sempre afável, lhano / Até que um dia saltas cá pra fora, / Buscando o ninho pátrio, onde agora / Vives alegre, feliz, meu...!*". Em "Os tristes" (1983), "(...) *Quando o teu casto olhar neles poisasse, / Esta apagada cinza de que os faço / Talvez em chama viva se tornasse, / E fossem astros a brilhar no Espaço.*" (...) (Costa et al., 2020, p. 182). Ernesto de Melo, autor de obras com temas e factos penafidelenses – "O Crime do Champina", "O Crime da Rita Puxa", baseados em factos verídicos, ou ainda a obra "Chamorros [absolutistas] e Carcundas [liberais]", **abordando as lutas liberais**, foi sobretudo um homem dos jornais, diretor do semanário *O Tempo*. José Júlio, tendo-se notabilizado como um homem interveniente na sociedade penafidelense, usando pseudónimos como Mário Moreno e David Airada.

Do Hino da Cidade (1928), retiramos: "(...)- *É a terra que deu vida à nossa Vida! / A que embala, no seu seio, Os que lá estão... / D'entre todas as que amamos, a mais qu'rida! / Por quem bate, enamorado, o coração (...)*." Homem dedicado a hinos, também o fez à Terra: "(...) *Canta e ri, ó Lavrador! Não sabias o que é a tristeza! / - A quem trabalha contente, / Deus ajuda, com certeza.*" Desconhecemos as suas pulsões políticas, mas tem servido como vice-cônsul, há uma forte probabilidade de estramos perante a "Política do Espírito", tão divulgada pelo Estado Novo!

O seu espólio documental e coleção de desenhos **foi doado à Biblioteca Municipal de Penafiel**, com grande parte da sua obra poética sendo levada a público por Abílio Miranda. A Câmara Municipal de Penafiel publicou uma coletânea dos seus poemas, intitulada "Os tristes", em colaboração com Alfredo de Sousa e Avelina Brandão, por ocasião do centenário do seu nascimento. A cidade tem uma avenida com o nome do escritor dos versos sobre Penafiel e foi também José Júlio um dos principais promotores da homenagem realizada pela cidade ao autor de Só, da qual resultou um monumento a António Nobre.

Eduarda Pinto

"*Segue o teu destino, rega as tuas plantas, ama as tuas rosas. O resto é a sombra de árvores alheias.*" (Fernando Pessoa)

Isce
1887-1956 PENAFIEL

AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR

"O PADRE AMÉRICO, COMO É COMUMMENTE CONHECIDO..."

NASCIDO EM GALEGOS, PENAFIEL, DEDICA-SE AO APOSTOLADO DA CARIDADE; 1925-1939 – ORGANIZA COLÔNIAS DE CAMPO; 1940 – CRIA A OBRA DA RUA, COM A FUNDAÇÃO DA CASA DO GAIATO, EM MIRANDO CORVO (COIMBRA) PARA CRIANÇAS DE FAMÍLIAS CARENCIADAS.

FUNDA O JORNAL O GAIATO PARA ANGIARIAR FUNDOS. PUBLICAÇÕES EM DESTAQUE: "O BARREDO", "DOUTRINA", "OBRA DA RUA", "PÃO DOS POBRES".

A CASA DO GAIATO DE PAÇO DE SOUSA (PENAFIEL) FOI CRIADA EM 1943, CONSEQUÊNCIA DA VIDA DO PADRE AMÉRICO NUM CRESCENTE AMOR PELOS POBRES, COM OFICINAS DE CARPINTARIA, SERRALHARIA, SAPATARIA, ALFAIATARIA, TIPOGRAFIA, ATIVIDADES QUE, COM A AGRICULTURA, ABRIAM HORIZONTES A CADA RAPAZ, ALÉM DA ESCOLA.

O PADRE AMÉRICO NA TOPONÍMIA DE PENAFIEL: FREGUESIAS DE BOELHE, CAMELAS, GALEGOS, GUILHIFE, NOVELAS, PAÇO DE SOUSA, PENAFIEL, PINHEIRO E RIO MAU.

INÊS LENTO, EDUCAÇÃO BÁSICA, EDITORA DE PORTUGAL, IL. 2ª SEMESTRE, 2014
DUCHA, C., COSTA, L. CASTANHEIRA, M. BRÁS, F. OLIVEIRA "ESCRITOR" IN MAPA DOS LIVROS, OUA LITERÁRIO DE PENAFIEL, 1.ª EDIÇÃO, CÂMARA MUNICIPAL DE PENAFIEL, PE, 2014

Américo Monteiro de Aguiar, o Padre Américo como foi comumente conhecido, nasceu em 1887, em Galegos, Penafiel, e faleceu em julho de 1956. vítima de um acidente de viação, dedicando a sua vida ao apostolado da caridade. Apesar da sua vocação sacerdotal, o P. Américo teve que enfrentar a oposição do seu pai que o dirigia para a área do comércio. Trabalhou em Moçambique durante alguns anos e regressou a Portugal em 1923; neste retorno, decide enveredar definitivamente pela vida sacerdotal, ingressando no Seminário de Coimbra, em 1925, ocorrendo a sua ordenação sacerdotal em julho de 1929 (Costa et al., 2020, pp. 172-173).

Foi a partir daqui que se dedicou a ajudar os mais carenciados. Durante algum tempo encarregou-se da "sopa dos pobres" no distrito de Coimbra, onde estudava, concelho onde fundou a primeira "Casa do Gaiato", em Miranda do Corvo, no ano de 1940. Em Penafiel viria a ser construída na freguesia de Paço de Sousa, em 1943, elevando-se críticas, reparos, dúvidas, reticências, acusações, como lógica e natural reação da mediocridade. Da sua obra destacam-se ainda um lar de estudantes no Porto, fundado em 1945, seguindo-se o "Património dos Pobres" dedicado a famílias sem casa, em 1951; postumamente, uma casa destinada a recolher doentes terminais em situação de abandono: o "Calvário", em 1957.

Além da escola, a casa do Gaiato continha oficinas de carpintaria, serralharia, sapataria, alfaiataria, tipografia e atividades que, com a agricultura, abriam horizontes a cada rapaz além da vida escolar. O P. Américo fundou o jornal "O Gaiato" para angariar fundos para a instituição. Algumas das mais emblemáticas publicações, que mereceram grande destaque foram: "O Barredo", "Doutrina", "Obra da Rua", "Pão dos Pobres", "Isto é Casa do Gaiato", "Doutrina", "Viagens", "Ovo de Colombo" e "O Fundamento da Obra da Rua e Teor dos seus Obreiros", reconhecida como seu testamento espiritual. Facilmente se depreende o seu altruísmo ao serviço dos mais necessitados.

"O objeto da minha paixão é dar uma pátria aos estrangeiros que vivem nela, dar uma lei aos que vivem à margem da lei, marcar lugar e pôr a mesa aos que vivem sem talher. Dentro da mesma paixão, encontrei o seu equilíbrio: Se, gratuitamente, me fora dado o sentido dos males alheios, gratuitamente me obriguei ao trabalho de os aliviar, porquanto, àqueles a quem muito se dá, muito se pede." (<https://www.obradarua.pt/casa-do-gaiato-de-paco-de-sousa/>).

A cidade do Porto fornecia campo extenso de observações, sempre que por lá passava – dizia o P. Américo. Logo à saída da estação de S. Bento *"dava de cara com a chusma dos maltrapilhos, os cónsules da minha gente que, não sei porque bulas ou sinal, dirigiam-se a mim, confiados, a relatar as suas necessidades mais instantes - a grande, a única daquele momento: comer! Eu conhecia mal a cidade; também não queria dar muito nas vistas. Trocava algumas palavras ligeiras e discretas com os farrapões e seguia-os a distância até à primeira tasca. - Ali há uma tasca, senhor abade. O pequenino da rua tem os sentidos apuradíssimos; eles são as suas armas de defesa. Com eles espreita, procura, foge. Vigia o tempo, as ocasiões, as pessoas. A rua é sua escola de acuidade, de precisão"* (<https://www.obradarua.pt/casa-do-gaiato-de-paco-de-sousa/>).

Inês Lento

"Não existe verdadeira inteligência sem bondade." (Ludwing Van Beethoven)

FERREIRA DE CASTRO

(1898 - 1974)

Maria Inês Faustino | Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 2.º S | L. E. B. | História de Portugal II

“Existe uma rua com o seu nome, em Penafiel, situada na zona das Termas de S. Vicente, local onde acolheu o escritor por longos períodos, durante a última parte da sua vida”.

“Amigos esses inesquecíveis e terra bela de que tenho tantas saudades”.

Ferreira de Castro em carta a Carlos Vasconcelos (1971)

“(…) a sua afinidade com Penafiel e o conforto que sentia no hotel (…) Desde que saí de Ossela, aos 12 anos, tenho fome de lareira, confessa, referindo-se à lareira sob a chaminé caída em que se aquecia nas noites de frio da infância”.

Rocha, C., Costa, I., Castanheira, M., Brito, P. (2020), “Ferreira de Castro” in *Mapa das Ilusões. Guia Itinerário de Penafiel*, 1.ª edição. Câmara Municipal de Penafiel, pp. 185-186.



“No Grande Hotel, o autor de “A selva” dispunha mesmo de um escritório privado para a sua produção literária, que apelidava de “covil da raposa”.

“Anseio vê-los e com eles conversar no cafezinho de S. Vicente, que para mim vale mais do que todas as academias do mundo”.

Ferreira de Castro em carta a Carlos Vasconcelos (1971)



Ferreira de Castro, nascido em Ossela, Oliveira dos Azeméis, em 1898, foi **um dos escritores mais importantes da literatura portuguesa** do século XX. Grande precursor do Neorealismo em Portugal, faleceu no ano da Revolução de 25 de abril de 1974. Toda a sua obra constitui um importante documento social, um verdadeiro espelho da realidade da vida contemporânea dos humildes.

Aos 12 anos emigra para o Brasil com o desejo de melhorar de vida. Fê-lo em 1911, com destino à Belém do Pará. Viveu algum tempo na cidade de Belém e, em seguida, mudou-se para o interior, onde entrou em contacto com a selva amazónica. Trabalhou como seringueiro durante quase quatro anos, no seringal Paraíso e **desse experiência extraiu a temática da obra A Selva** (1930), que foca o drama dos trabalhadores dos seringais, na Amazônia, incluindo uma objetividade quase fotográfica. Já em 1928 publicara *Emigrantes – onde Manuel da Bouça*, na chegada ao Brasil depara com a primeira desilusão: o sucesso não existia; a mentira nasceu da vergonha pela verdade!

Homem do jornalismo, escritor premiado, enorme ficcionista, ainda é um dos autores portugueses com **obras traduzidas em todo o mundo** (15 línguas). O seu primeiro livro, com 14 anos, foi publicado no Brasil - *Criminoso por ambição*. Regressado a Portugal, publica novelas entre 1923 e 1927, estilo que, mais tarde, viria a renegar. O aspeto fundamental da obra de Ferreira de Castro é o **realismo social**; as temáticas dos seus romances retratam a dramaticidade das personagens carentes de valores humanos e o quotidiano das vidas injustiçadas. As suas obras ajudaram a dar voz às experiências e lutas das pessoas que enfrentavam diariamente desafios económicos e sociais significativos. A força maior da criação literária que Ferreira de Castro vinha desvendando era, afinal, a de uma nova forma de humanismo, representada na ficção romanesca, dizendo-se que **terá sido indicado para Prémio Nobel** (Infopédia).

Embora Ferreira de Castro não seja nativo de Penafiel, tem uma relação especial com a cidade. O autor **residiu em Penafiel** durante um período da sua vida marcado por momentos de dificuldades financeiras. Apesar da sua estadia em Penafiel não ser o foco principal das suas obras, é possível que a atmosfera e as experiências vividas durante esse período tenham influenciado indiretamente o seu trabalho criativo.

Em Penafiel existe uma **rua com o seu nome, na zona das Termas de S. Vicente**. Foi nesta rua onde foi acolhido o escritor por longos períodos, durante a última parte da sua vida. As frases presentes no cartaz remetem-nos para a nostalgia que o autor sentia pela cidade de Penafiel. Desde a afinidade que sentia no hotel onde estava hospedado ao conforto do seu escritório no Grande Hotel, que apelidava de “covil da raposa”. Costumava visitar a Biblioteca-Museu de Penafiel, motivo que o levou a **doar os seus livros autografados**.

Para além disso, o autor menciona que tinha “*fome de lareira*” nas noites de frio, e que tinha pena de não “*estar estes dias numa aldeia como a sua, junto duma lareira acesa, numa cozinha popular*” (Costa et al., 2020, p. 185). O **café de S. Vicente** também é um elemento nostálgico que o autor refere como um lugar de longas e boas conversas com amigos. Este cartaz tem como objetivo principal transmitir este sentimento de saudade, aconchego e admiração que o autor sentia por Penafiel.

Viageiro infatigável, há livros que dão conta minuciosa e fotograficamente documentada das andanças pelo Mundo. Se pode haver reservas no campo dos valores estilísticos, a obra deste grande humanista não pode deixar de ser considerada como **das mais importantes da literatura portuguesa do século XX** (Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, III, 1994).

Maria Inês Faustino

“A maneira mais eficaz de mudar os seus hábitos é concentrar-se (...) em quem se deseja tornar.” (James Clear)



António Ferreira Gomes nasceu em 1906 e faleceu em 1989. **Natural de Milhundos, Penafiel**, aquele que será eternamente lembrado como o autor da "Carta a Salazar" recebeu uma homenagem póstuma em 1999 através de uma imponente escultura em bronze. Esta obra é da autoria de Irene Vilar (1930 - 2008), a mesma talentosa artista que criou as estátuas de Camões (1524 - 1580) na Foz do Porto e de Florbela Espanca (1894 - 1930) em Matosinhos. A escultura está erguida na freguesia que o viu nascer.

António Ferreira Gomes, conhecido pelo pseudónimo G., deixou um legado artístico e político significativo. Escreveu a peça de teatro "Nuno de Santa Maria: herói e santo" para os alunos do Seminário de Vilar. Sophia de Mello Breyner Andresen (1919 - 2004), admiradora fervorosa de Ferreira Gomes, dedicou-lhe um poema, intitulando-o de "*Fortaleza, alto e direito, firme como torre*".

Como crítico do regime ditatorial, Ferreira **Gomes enfrentou a censura e a repressão**, denunciando a injustiça social e económica dos trabalhadores agrários e do proletariado. Como, também, a falta de liberdade de expressão e pensamento. Essa postura rendeu-lhe dez anos de exílio em Roma, enquanto ocupava o cargo de Bispo do Porto, entre 1952 e 1982. Um marco na história é a "**Carta a Salazar**", escrita em 1958, como um pré- memorando para um encontro que nunca aconteceu. Esta carta, amplamente divulgada contra a vontade do Bispo, expõe as suas preocupações com os problemas sociais e económicos do povo português, bem como a falta de liberdade no país.

Ferreira Gomes desafiou abertamente o ditador português, tornando-se um símbolo de resistência e coragem. Era no exercício do seu magistério episcopal e **em defesa da doutrina social da Igreja Católica**, que coincidiu com a campanha presidencial à qual concorreu o General Humberto Delgado, como opositor ao leme de Salazar, em 1958, contra o almirante Américo Tomás, perdendo as eleições de forma fraudulenta. Se ganhasse as eleições, **sobre Salazar disse: "Obviamente, demito-o"**. Penafiel acolheu o General no centro da cidade e em Paço de Sousa.

Entre 1952 e 1958 foi bispo do Porto e enquanto liderou os destinos desta diocese concedeu especial atenção à miséria social que grassava na cidade e no país, reprovou o corporativismo estatal e reclamou a liberdade de expressão. O texto da carta acima mencionada gerou grande polémica quando chegou ao conhecimento público e acabou por levar D. António ao **exílio, que durou dez anos**, passados em Espanha (Vigo, Santiago de Compostela, Valência, Ciudad Rodrigo e Salamanca), em França (Lourdes), República Federal da Alemanha e Itália. Neste país, participou no Concílio do Vaticano II (1962-1965). Em 1969, por intervenção da ala liberal e dos padres da sua diocese, Marcelo Caetano autorizou o seu regresso a Portugal. O reconhecimento público chegou, finalmente, na década de 1980, altura em que foi agraciado com a **Grã-cruz da Ordem da Liberdade** e homenageado na Assembleia da República (1982), por isso, já no período da democracia. Penafiel homenageou-o com o Agrupamento de Escolas D. António Ferreira Gomes.

Obras: *Homilias da paz (1970-1982)*. Porto, Fundação Spes, 1999. | *Reconciliação: caminho para a paz*. Porto, Fundação Spes, 2000. | *Igreja na vida pública: catolicismo português e historicidade*. Porto, Fundação Spes, 2003. | Ferreira, Manuel de Pinho – *A Igreja e o Estado Novo na obra de D. António Ferreira Gomes*. Porto: Fundação Spes, 2004. 672 pág. | *Ser bispo conciliar no exílio (1959-1969)*. Porto: Fundação Spes, 2007. 261 pág. | *Para uma civilização de amor e liberdade. Homilias Pascas, 1974-1982*. Porto: Fundação Spes, 2008. 208 pág.

Mariana Silva

"O único limite para a nossa realização de amanhã será as nossas dúvidas de hoje." (Franklin D. Roosevelt)



Jornalista da televisão português, José Rodrigues dos Santos nasceu em 1964, na Beira, Moçambique. Depois da Revolução do 25 de abril de 1974, a sua família regressou a Portugal. Após uma breve passagem por Lisboa, foi para Macau em 1979, onde se iniciou no jornalismo com 17 anos.

Regressando a Portugal, frequentou o curso de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa. **Estagiou na BBC**, Londres, trabalhando depois em Portugal. Foi premiado pelo Clube Português de Imprensa, em 1986, e pelo *American Club of Lisbon* (Clube Americano de Lisboa), em 1987. **Volta à BBC**, onde fica três anos, acumulando com a atividade de correspondente da RTP. Estabelece-se, definitivamente em Lisboa, no ano de 1990. A partir daí torna-se um dos rostos mais conhecidos da televisão. Como **repórter de guerra**, esteve em Timor Leste, Angola, África do Sul, Koweit, Iraque, Bósnia e antiga Jugoslávia. O aparecimento de outros canais nunca o retirou da televisão estatal (Infopédia).

Em 1995 foi premiado devido a uma reportagem sobre a Guerra de Angola e dois anos depois graças a um trabalho jornalístico sobre os **bunkers na Albânia**. Em junho de 2001 recebeu o prémio carreira *World Report*, um dos mais importantes do mundo a nível de jornalismo televisivo.

Em 2001 lançou *Crónicas de Guerra - Da Crimeia a Dachau* (vol. I) e *Crónicas de Guerra - De Saigão a Bagdade* (Vol. II), livros que relatam as aventuras dos repórteres portugueses em diversos campos de batalha do mundo. No ano seguinte, publicou *A Ilha das Trevas*; em 2004, *A Filha do Capitão*; em 2005, *O Codex 632*; no ano seguinte, *A Fórmula de Deus*; em 2007, *O Sétimo Selo*; e, em 2008, *A Vida num Sopro*, que traz à superfície as suas raízes a Penafiel; seu pai é nativo daqui. O capitão Mário Branco podia ter sido o seu avô paterno, apesar de ser uma obra de ficção. *A Vida num Sopro* é um verdadeiro guia turístico de Penafiel, que presta homenagem aos seus locais históricos e personalidades de relevo, ao longo de toda a narrativa: "A estação de Penafiel tinha o aspeto de apeadeiro campestre que caracterizava as estações de terras do interior, uma simpática casinha branca decorada a azulejos e rodeada pela verdura aprazível das árvores e arbustos. No ar flutuava o aroma do ar fresco das vinhas já vindimadas e as conversas rumorejadas eram pontuadas pelo melodioso trilar em dueto dos rouxinóis (...)" (Rocha et al., 2020, pp. 199)".

Em "O Anjo Branco" (2010) Penafiel "(...) decorria numa pacatez assustada (...) era marcado pelas intermináveis **filas diárias diante da comissão de racionamento** [2.ª Guerra Mundial] (...) mas as batidas mais sonoras vinham do importante santuário do Sameiro. (...) Os domingos fizeram-se em Penafiel para celebrar missa (Rocha et al., 2020, p. 200).

Outras obras: *O Mágico de Auschwitz* (2020) – personagens reais com **acontecimentos desconhecidos do Holocausto**; *A Mulher do Dragão Vermelho* (2022) – uma mulher misteriosa é perseguida na Índia. Maria Flor tenta ajudá-la, mas são raptadas. Tomás Noronha tenta resgatá-las e conta com a ajuda de um agente secreto norte-americano; *O Segredo de Espinosa* (2023) – em Amsterdão, 1640, um judeu é excomungado na Sinagoga Portuguesa por questionar as Sagradas Escrituras. Espinosa questiona: - E se a Bíblia estiver mesmo errada? Os rabinos judeus e os pregadores cristãos perseguem-no e **acusam-no do pior dos crimes: a Heresia**. (<https://www.portaldaliteratura.com/livros.php?livro=11354>)

Sara Alves

"O único limite para a nossa realização de amanhã será as nossas dúvidas de hoje." (Franklin Roosevelt)

ALBERTO SANTOS

Alberto Fernando da Silva Santos (Paço de Sousa, Penafiel, 6 de março de 1967), é um escritor, advogado, conferencista e político português licenciado em Direito pela Universidade Católica Portuguesa.

Autor de "A arte de caçar destinos", "A escrava de Córdova", entre outras obras. O intelectual e político é responsável pela criação da Escritaria, festival literário de Penafiel, que se distingue com uma programação cultural diversificada que destaca e premia anualmente grandes vozes da literatura portuguesa e que se tem afirmado progressivamente no panorama literário nacional, desde 2008. Miguel Esteves Cardoso foi o privilegiado em 2025. Outros nomes já destacados: Urbano Tavares Rodrigues, José Saramago, Agustina Bessa-Luís, Mia Couto, António Lobo Antunes, Mário de Carvalho, Lídia Jorge, Mário Cláudio, Alice Vieira, Miguel Sousa Tavares, Pepetela, Manuel Alegre, Mário Zambujal...



"Como inesquecíveis são os pensamentos e frases acutilantes que povoam o nosso imaginário, como a que ficou gravada nas paredes da cidade, ou então esta que muitas vezes recordo: O que as vitórias têm de mau é que não são definitivas. O que as derrotas têm de bom é que também não são definitivas."

Rita Sousa/ Docente: José Carlos Manesca/ 23-24/ 2.º S.º L.E.B./ História de Portugal II

Bacha, C., Costa, I., Castanheira, M., Brás, P. (2020). "Alberto Santos" in Mapa dos Vinhos. Guia Literário de Penafiel. 1.ª edição. Câmara Municipal de Penafiel, pp. 202-203

Alberto Santos é autor, advogado e conferencista. A sua obra está traduzida para várias línguas. Apaixonado pelos factos inesperados da História, afirmou-se na ficção histórica criada a partir de marcantes acontecimentos reais, mas pouco conhecidos do grande público.

Como criativo cultural foi o mentor da **Escritaria**, que traz anualmente a Penafiel um escritor / poeta, cuja lista já é muito longa. Em 2023, o laureado foi Miguel Esteves Cardoso que nos diz: "Não se pode ter muitos amigos. (...) Ou melhor: nunca se pode ser bom amigo de muitas pessoas". É o próprio Alberto Santos que explica: "Tive a feliz oportunidade de assistir ao borbulhar de uma ideia. Chamou-se Escritaria, e é um festival literário que se realiza anualmente, em Penafiel, do qual aceitei, mais tarde, ser comissário, ou curador. Um festival literário (...) festa literária de Penafiel para Penafiel, mas também para o país e para o mundo. Rapidamente, a homenagem anual à língua portuguesa e aos seus mais ilustres autores encontrou tanta gente com vontade de participar, de fazer parte de algo que viria a ficar marcado nas ruas e no ADN da cidade (Rocha et al., 2020, p. 202)".

Falemos das suas **obras**: *A Escrava de Córdova* (2008) revela-nos a mentalidade, a geografia, o quotidiano urbano, as concepções religiosas, a fremente História do dobrar do primeiro milénio, e, sobretudo, a intensidade com que se vivia na terra onde nasceram Espanha e Portugal. Dá-nos ainda a conhecer o ângulo brilhante, mas duro e cruel, da **civilização muçulmana** do al-Andalus.; em *A Profecia de Istambul* (2010), as cidades de Istambul, Argel e Salónica do século XVI são o exótico cenário da luta entre o Bem e o Mal, onde nasce uma **terrível profecia** que ameaça o futuro da Humanidade; em *O Segredo de Compostela* (2013) há um cenário onde as personagens participam na **reconstrução da história de Santiago** e dos seus subterrâneos, tal como em dois mil anos de dúvidas; *Para lá de Bagdad* (2016), Ahmad ibn Fadlan, emissário do califa, parte de Bagdad (em 921) para uma arriscada missão na Bulgária do Volga, na Rússia atual. Deixa os mestres e companheiros da Casa da Sabedoria, que **ergueram a época dourada do Islão**; em *A arte de caçar destinos* (2017), sete inquietantes histórias inspiradas no imaginário da tradição portuguesa. O **sete significa a perfeição** e a abertura ao desconhecido. Os olhos de Deus e as cabeças do Diabo, onde vidas normais são perturbadas pelo inexplicável e sobrenatural; *Amantes de Buenos Aires* (2019) inspira-se na história real de duas mulheres apaixonadas que se casaram no altar, um século antes da legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo; *A Senhora das Índias* (2024) recorda uma paixão inesperada e o contexto histórico rico e fascinante do império mongol e das **relações entre Portugal e a Índia**. Uma extraordinária história de amor e coragem que atravessa fronteiras e culturas. São **bestsellers**: *A Escrava de Córdova* (2008), *A Profecia de Istambul* (2010), *O Segredo de Compostela* (2013), *Para lá de Bagdad* (2016), *Amantes de Buenos Aires* (2019) e *A Senhora das Índias* (2024). Alberto Santos é defensor de que "**ninguém pode ser um bom escritor se não ler muito**". O seu amadurecimento como escritor advém, assim, da leitura de romances históricos (<https://averdade.com/alberto-santos-conta-a-historia-de-uma-mulher-portuguesa-na-obra-a-senhora-das-indias/>).

Rita Sousa

"Não devemos (...) preocupar-nos com o que diz a maioria, mas apenas com a opinião dos que têm conhecimento do justo e do injusto, e com a própria verdade." (Platão)

ISCE Douro

ADÉLIA CARVALHO

Nasceu em Penafiel e tem um grande amor pelos animais. Foi influenciada pela figura do avô materno, um grande contador de histórias.

Autora de vários livros infantis premiados e traduzidos em várias línguas, marca presença em diversos eventos literários portugueses e em comitivas internacionais.

Fundadora da livraria "Papa-Livros", no Porto, para a promoção e a criação de comunidades de leitores participativos e criativos, estimulando o crescimento artístico, ético e intelectual das crianças e dos jovens.

"Cresci com a insegurança de quem tem de descobrir os caminhos sozinha, mas também com a força das árvores que sabem aguentar o vento e a chuva de pé..."

Inês Cunha | Docente; José Carlos Meneses | 2324127511EB
Rocha, C.; Costa, I.; Castanheira, M.; Brás, P. (2020). Adélia Carvalho (1969) in Mapa dos livros. Guia literário de Penafiel. 1.ª edição Câmara Municipal de Penafiel. pp. 205-206.

Adélia Carvalho nasceu numa **pequena aldeia de Penafiel**, e, 1969, de onde vem também o seu grande amor pelos animais, como os que figuram na obra "Era uma vez um cão", livro infantil da sua autoria que é um sucesso em países como Brasil, Alemanha, Coreia do Sul, Colômbia, Peru, México, Canadá, Itália, Austrália e China. Última de sete filhos, a escritora cresceu muito influenciada pela figura do avô materno, grande contador de histórias. É licenciada em Educação de Infância pela Escola Superior de Educação do Porto e lecionou em diferentes escolas antes de se dedicar exclusivamente à escrita.

Fundadora da livraria "Papa-Livros", no Porto, e da editora Tcharan, é autora de vários livros infantis premiados e traduzidos em vários idiomas. Tem lecionado em diversas escolas, onde promoveu sempre encontros com escritores e ilustradores, tais como Manuel António Pina, Álvaro Magalhães, José António Gomes, André Letria, Gémeo Luís ou Elsa Lé. Foi em novembro de 2008 que abriu o "Papa-Livros", concebido por Gémeo Luís. Tem como **madrinha a escritora Matilde Rosa Araújo**, convidada de honra na inauguração, onde participaram escritores e ilustradores como Álvaro Magalhães, António Torrado, António Mota, Hélder Pacheco, Gémeo Luís, Cristina Valadas, Marta Madureira e Eugénio Roda. O "Papa-Livros" está vocacionado para a promoção e criação de comunidades de leitores ativamente participativos e criativos, e por isso aí se realizam regularmente sessões de contadores de histórias, lançamentos de livros, encontros literários, ateliês e outras atividades que estimulam o crescimento artístico, ético e intelectual das crianças e dos jovens.

Adélia Carvalho tem marcado presença nos mais diversos eventos literários portugueses e **representado Portugal** em comitivas internacionais, como: Bologna Children's Book Fair, Filbo-Feira Internacional del Libro de Bogotá, VI Seminário Internacional "Literatura y Pecado" - Universitat de les Illes Balears e Shanghai International Children's Book Fair.

Os seus livros estão **traduzidos e editados** em diversos países e muitas das suas obras foram **premiadas em Portugal e no estrangeiro**. *"Quando fui estudar para a cidade de Penafiel, com 10 anos, comecei a frequentar a Biblioteca Municipal. Fiquei surpreendida e feliz ao saber que **podia levar livros para casa sem os comprar**. À noite, **lia histórias ao meu avô Francisco, que não sabia ler**, e o mundo nunca mais voltou a ser o mesmo. Cresci com a insegurança de quem tem de descobrir os caminhos sozinha, mas também com a força das árvores que sabem aguentar o vento e a chuva de pé, as grandes árvores do jardim do Sameiro, companheiras na aventura do amor e da amizade. Fiéis depositárias dos nossos segredos de adolescentes para toda a Eternidade (Rocha et al., 2020, p. 2026)."*

"A menina que queria desenhar o Mundo", "Era uma vez um cão", "Quando for grande quero ser criança" espelham claramente o crescimento intelectual de Adélia Carvalho que introduz as suas raízes naturais nos seus escritos. É esta literatura que merece outros olhos, outra visão no mundo infante-juvenil. É possível criar um diálogo com a IA, de que tanto já dependemos. A Escola, com os seus planos de atividade e as bibliotecas municipais têm um desempenho que se precisa com maior acuidade, com naturalidade, mas dando a perceber, com visitas regulares, que a Biblioteca ainda é um mundo muito válido. Como escreveu Adélia Carvalho: **"quando for grande quero ser criança"** para enfrentar os desafios globais que se impõem a todo o ser humano.

Inês Cunha

"A persistência é o caminho do êxito." (Charles Chaplin)

CONCLUSÕES

Dos quinze autores selecionados, seis são **nativos** (Joaquim Araújo, José Júlio. P. Américo, D. António Ferreira Gomes, Alberto Santos e Adélia Carvalho); dois têm **relação parental** com Penafiel (José Rodrigues dos Santos e António Nobre).

A obra de referência é de 2020 - *Mapa dos Livros. Guia Literário de Penafiel*, com a coordenação de Catarina Rocha, Isabel Costa, Minês Castanheira e Paulo Brás, onde são retratados vinte e quatro autores, quinze dos quais constam neste estudo.

Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, João de Deus, Eça de Queirós e Ferreira de Castro conhecem Penafiel pelas relações de amizade estabelecidas com intelectuais daqui, passagem de temporadas nas termas de Entre-os-Rios e dormidas em hotéis e em casas de amigos.

António de Almeida adotou Penafiel por razões profissionais (medicina) e Leonardo Coimbra faz referências a Penafiel por ter estudado no Colégio de N. S.^a do Carmo, atual Museu Municipal, sendo natural da vizinha Lixa, Felgueiras.

O **arco temporal** inicia-se nos séculos XVII-XIX – António de Almeida -, e chega aos dias de hoje com José Rodrigues dos Santos (n. 1964), Alberto Santos (n. 1967) e Adélia Carvalho (n. 1969).

As **atividades** são múltiplas para além do romance, do romance histórico, dos ensaios, das memórias, da poesia e da literatura infanto-juvenil, tradução de literatura nacional e internacionalmente. Segue-se a listagem: apostolado religiosos e social, política, discursos, jornalismo, história, geografia, filosofia, ensino, pedagogia (João de Deus com a *Cartilha Maternal*) arqueologia, filologia, botânica, consulado (dois) e associativismo.

Aquelas atividades foram exercidas por quem adotou a terra (**António de Almeida**) e pelos seus naturais, destacando-se **Joaquim de Araújo**. Os nomes sonantes da literatura portuguesa dos séculos XIX e XX são da prosa e da poesia. Está aqui uma das razões fortes do relacionamento dos intelectuais penafidelenses com os eles.

As **áreas geográficas** estão bem delineadas: cidade, termas de Entre-os-Rios e casa do Seixo, S. Mamede de Recezinhos (António Nobre).

Quando Eça de Queirós se refere à noite aziaga passada no Hotel Central, insónia provocada por pulgas, na **Rua Formosa** (atuais avenidas Egas Moniz, José Júlio e Sacadura Cabral), esta via foi a alternativa à Rua Direita (com vários nomes), no sentido norte-sul, comprovando-se o desenvolvimento da cidade mediante a seguinte listagem: 1853. Palacete do Barão do Calvário (1.º edifício civil) / atual Biblioteca Municipal; 1870. Cemitério; 1880. Quartel Militar (Artilharia) – atual Quartel da Guarda Nacional Republicana; 1883. Jardim Público; 1885. Antiga Praça do Mercado / Praça da Alegria (reconstituição presente no Parque da Cidade); 1885. Campo da Feira.

Até 1885, Camilo já escrevera *Eusébio Macário* (1879); em *Vinte horas de liteira* (1864) e *A queda de um anjo* (1866) dá-se importância às estalagens de Penafiel enquanto em *A enjeitada* (1866) revela um episódio da Guerra Peninsular (2.ª invasão francesa, 1809) que envolve a população da cidade. E Eça já produzira *O mistério da estrada de Sintra* (1870); *O crime do Padre Amaro* (1875); *A tragédia da Rua das Flores* (1878); *O primo Basílio* (1878); *O mandarim* (1880); *A relíquia* (1887); e, pouco depois, *Os Maias* (1888), com parte do enredo passado em Penafiel.

O interseção da História com a Literatura foi uma via que os estudantes seguiram para se perceber que a ação de um programa académico pode e deve ampliar-se o mais possível, pois só assim é que há uma preparação lógica e coerente para o Estudo do Meio (História e Geografia), área em que os futuros professores podem formar alunos para as grandes questões do presente e do futuro: conflitos bélicos e necessidade da descarbonização do planeta para diluir a desordem dos malefícios climáticos.

